

O telefone celular como produtor de novas sensorialidades e técnicas corporais

Ana Amélia Erthal

Graduada em Comunicação Social (jornalismo). Mestranda no programa de pós-graduação em Comunicação da UERJ.

Resumo

O conjunto de movimentos do corpo é fonte de um processo histórico de técnicas e disciplinas. As questões exploradas neste artigo estão relacionadas com o modo como esse corpo se conecta com o telefone celular, como o corpo alterou seus movimentos e percepções com o uso do aparelho, como é afetado em sua materialidade corpórea e quais são as sensorialidades que a interface gráfica desse aparato tecnológico desperta em todos os seus sentidos.

Palavras-chaves: materialidades, telefone celular, técnicas corporais

Abstract:

The body and its movements are sources of a historical process of techniques and disciplines. The proposal of this article refers to the way body connects with mobile phone, how body movements and perceptions are modified by the use of this device, how its corporal materiality is affected and which are the sensorialities that the graphical interface of this technological device awakes in all its senses.

Keywords: materialities, mobile phone, corporal techniques.

Inúmeros são os questionamentos levantados pela utilização e ampla difusão das novas tecnologias comunicacionais. Criados para atender às demandas do homem contemporâneo, os aparatos tecnológicos iniciaram uma nova era histórica, permeando conceitos como tempo e espaço e atuando no comportamento e na sensorialidade humana - um processo mútuo de transformação contínua.

Sob a regência dos estudos das Materialidades da Comunicação, pesquisas sobre as novas tecnologias e suas relações de afetividade com o corpo humano ganharam novas dinâmicas. O corpo deixou de ser apenas o “suporte para a comunicação” da tradição hermenêutica e tornou-se agente - afeta e é afetado em sua materialidade pela tecnologia.

Por suas características de portabilidade, mobilidade e ubiqüidade, os novos aparatos tecnológicos passaram a desempenhar o papel de meios de comunicação. Acoplados ao corpo tornaram-se extensões do homem, ampliando as percepções e o poder de ação dele. Destaca-se nesse processo o aparelho de telefone celular que conferiu ao homem poderes de conectividade total em tempo real independentemente de sua localização física: o tempo requerido para sua operação é a instantaneidade.

A “pós-modernidade”, o “fim da história”, ou as mudanças radicais do convívio humano, para o sociólogo Zygmunt Bauman, são devidas ao fato de que o longo esforço para acelerar a velocidade do movimento chegou ao seu “limite natural”:

o advento do telefone celular serve como “golpe de misericórdia” simbólico na dependência em relação ao espaço. O próprio acesso a um ponto telefônico não é mais necessário para que uma ordem seja dada ou cumprida. Não importa mais onde está quem dá a ordem – a diferença entre “próximo” e “distante”, ou entre o espaço selvagem ou civilizado e ordenado, está a ponto de desaparecer.

O comportamento do homem mudou com a invenção do telefone celular. Não apenas simbolizando a eliminação de tempo e espaço, ou alterando a percepção de estar local/ atuar global, ou da contribuição para a tendência ao individualismo de nossos tempos. Ele criou novas linguagens, se associou as novas mídias e passou – ainda passa - por um processo de convergência, deixando de ser apenas um telefone para assumir múltiplas tarefas, como agenda, rádio e internet.

Como o corpo se relaciona com o telefone celular, como é afetado em sua materialidade e quais são as sensorialidades que a interface gráfica desse aparato tecnológico desperta, serão as questões exploradas neste artigo.

O HOMEM NA PÓS-MODERNIDADE

O atual ambiente do homem na “pós-modernidade” é de fluidez e fragmentação. Para Gilles Lipovetsky, o termo mais adequado para representação do

momento em que vivemos é “hiper-modernidade” por considerar que não houve uma ruptura com os tempos modernos, como o prefixo “pós” subentende. Lipovetsky considera os tempos atuais como modernos, como uma intensificação de características das sociedades européias modernas, tais como o individualismo, o consumismo, a ética hedonista, a fragmentação do tempo e do espaço.

Hans Ulrich Gumbrecht, teórico das Materialidades, conceitua a situação pós-moderna como detentora de três características: destemporalização, destotalização e desreferencialização. Para ele “estes três conceitos sugerem o sentimento de um mundo sempre menos estruturado e sempre mais viscoso e flutuante”, e claro, mais focado no corpo e suas relações de acoplagem com os objetos, e menos na figura central do sujeito.

Observamos claramente esse ambiente e os comportamentos sugeridos por ele nos centros urbanos onde a necessidade por mais velocidade nas ações e nos relacionamentos causa no homem o estresse, a competitividade exagerada, a ansiedade e a tendência ao encasulamento (*cocooning*). No processo de autoafirmação como indivíduo, o ser humano busca nas suas posses os recursos para a construção de sua imagem e encontra nas novas tecnologias a concretização de seus desejos paradoxais de individualização/ coletividade das redes de conexão, e de supressão de tempo e espaço/ onipresença.

Nesse cenário, atuando na sociedade da informação marcada pela ubiquidade e pela instantaneidade como um dos representantes das novas tecnologias comunicacionais, o telefone móvel - por ser móvel como o ser humano o é - está em evidência. Ele concedeu ao homem o poder da conectividade total e instantânea, abolindo o espaço físico-geográfico.

CONVERGÊNCIA DAS MÍDIAS

O aparelho celular é um meio de comunicação estritamente pessoal – individualizado -, portátil e personalizado. Nos dias atuais é divertido pensar que ele “também faz chamadas”, já que adquiriu multi-tarefas e ganhou *status* de computador pessoal. Os modelos mais simples são capazes de identificar e listar as chamadas recebidas, realizadas e perdidas; enviar e receber mensagens curtas (*SMS*); armazenar dados de voz e agendar telefones com possibilidade de vários números para um único contato. A personalização é um item relevante: o usuário deixa o celular com a interface que julgar mais agradável para si e escolhe o som que deseja ouvir ao teclar, abrir, fechar, ou realizar funções como envio de mensagens. Com a ampliação da oferta de serviços das operadoras, é o usuário que define o tipo de toque de telefone para cada contato seu e inclusive, a música de fundo que cada contato ouvirá enquanto aguarda o atendimento.

Como o telefone celular tornou-se “peça de vestimenta” e ajuda na representação da identidade construída ou projetada dos homens, os aparelhos criados recentemente levam em consideração *design*, usabilidade e a convergência das mídias. Além de conter todas as ferramentas descritas acima, os aparelhos são sofisticados, com telas tingidas em milhões de cores, navegam na internet

em alta velocidade, contêm câmera embutida de alta definição em *megapixels*, fazem vídeos e se comunicam com computadores e *palmtops*, através das tecnologias *wireless* infravermelho ou *bluetooth*. O pequeno aparelho que carregamos no bolso porta todo o contingente de informação disponível – excessiva ou necessária para se viver na sociedade em que vivemos.

Todos os outros setores acompanham a tendência à convergência e buscam maneiras para usufruir dos benefícios. A Microsoft, por exemplo, lançou uma versão do *Windows* para celulares contendo *Internet Explorer*, *Media Player*, *MSM Messenger*, sincronização de agenda com o *Outlook*, e um visualizador de arquivos para documentos em *Word*, *Excell* e *Power Point*. Alguns fabricantes de automóveis criaram modelos de carros com conexão *bluetooth* que podem ter suas portas destravadas e a ignição iniciada a partir de um comando no celular do proprietário do veículo. As “casas inteligentes”, também já recebem ordens pelo celular: acionam luzes, alarmes, desligam ou ligam aparelhos.

A reação da sociedade parece positiva. A difusão no mundo da comunicação móvel, *wireless*, é mais rápida do que qualquer outra tecnologia de comunicação registrada historicamente. Segundo Manuel Castells (2006), “a comunicação está no coração das atividades humanas em todas as esferas da vida” e o telefone celular é o representante de mais destaque nessas relações. O único com portabilidade, mobilidade e possuidor de outras modalidades, favorecendo a comunicação de qualquer lugar para qualquer lugar, permitindo que se faça qualquer coisa não importa de onde, criando seus valores, criando uma nova *youth culture* e muito mais importante no estudo das materialidades: criando sua própria linguagem.

Nesse quesito, o aparelho celular atingiu o máximo em convergência, pois como pode uma plataforma, criada e desenvolvida para o sentido da fala e da audição, ter se transformado em um meio dominado pelo tato? Quando se imaginou que a função de digitação seria tão importante em um telefone? Que novas linguagens corporais surgiram na relação entre objeto (telefone celular) e o corpo? Que novas gramáticas foram criadas para a comunicação via interface miniaturizada? Quais são as sensorialidades que esse aparato desperta na materialidade do corpo?

O CORPO COMO PRIMEIRO MEIO DE COMUNICAÇÃO

A tradição pré-socrática designava ao corpo o papel de invólucro, doente, imperfeito, corrupto, limitado e sujeito à eliminação. Nessa linha de pensamento temos desde Platão que afirmava que a alma humana estava aprisionada dentro do corpo até David le Breton e seu ponto de vista tão crítico e apocalíptico quanto os dos filósofos da antigüidade. Breton falava de ódio e suspeita ao corpo e suas capacidades, um corpo que é o local do erro, da doença, da corrupção e da morte; que é um estorvo, pois deve ser cuidado, nutrido e limpo. Para ele o corpo era somente um acessório que pode ser transformado, modificado cirurgicamente para representar a verdadeira identidade do eu.

Entre os espaços oferecidos pelas novas tecnologias, como a internet e o ciberespaço, o corpo não é o sujeito - ele é inexistente-, pois a materialidade não é possível nesse universo. Nele o corpo desloca-se livremente e representa a imagem desejada por seus usuários, esfumando as fronteiras entre real e virtual.

No entanto, mesmo sendo desnecessário nas relações virtuais, o que experimentamos agora, em nosso ambiente pós-moderno, é a valorização do corpo, uma nova cultura material, em que se realizam as núpcias entre Apolo e Dionísio. O corpo está em evidência e as intervenções cirúrgicas e ciborguizações são vistas como contribuições para a harmonização entre corpo e espírito, para que o espírito encontre equilíbrio no universo que o cerca.

Para Michel Foucault (2007) os corpos são docilizados: nossos movimentos são condicionados e nos sujeitamos a um conjunto de técnicas para a construção de nossa representação social. Nessa visão teríamos corpos acossados pelas novas tecnologias, submissos, servindo os aparatos tecnológicos, em vez de ser servido por eles.

Seguindo a abordagem das materialidades, o corpo é o objeto central de estudo. Ele pode usar as acoplagens com aparatos tecnológicos para potencializar suas faculdades e sua ação, no entanto, ele é por si mesmo um meio de comunicação. De acordo com Felinto e Andrade (2005), a aposta na centralidade do corpo se inspira em duas premissas. Uma ligada aos estudos de corporificação, ciborguização, biotecnologias etc. e a outra:

Afirma a plausibilidade de se tomar o corpo como primeiro e fundamental meio de comunicação, especialmente quando evoca contextos específicos da história da humanidade como aqueles referidos às culturas orais. Dentro dessa perspectiva, o corpo é o suporte fundamental para as formas de comunicação presenciais, que requerem linguagens tais como a fala e os gestos. O corpo, nesse sentido, é a primeira mídia (no sentido de meio de comunicação), condicionando à sua materialidade e aos seus limites percepto-cognitivos as mensagens que através dele são expressas.

Sendo o corpo objeto privilegiado no campo das materialidades, podemos observar que as mudanças que se deram em relação às formas e funções das tecnologias comunicacionais podem refletir as dimensões e características das materialidades e funcionalidades do corpo humano.

No caso do telefone celular, o advento da convergência das mídias não possibilita que o aparelho seja extremamente miniaturizado, ou que suas teclas não sejam inteligentes ao toque. É necessário que a digitação de textos seja rápida e compreensível dentro dos padrões de linguagem existentes para esses usos. A interface deve ser intuitiva, de navegação simples e o modelo de escrita para a internet ou *e-mails* deve ser o mais amplamente difundido - o hipertexto. Foi por esse motivo que a imensa nação de usuários de celular recebeu o nome de *thumb generation*, referindo ao uso dos dedos polegares das mãos para a digitação de *sms*, jogos e navegação na internet através das teclas do celular.

Toda a operação do celular é realizada pelo polegar – da simbiose entre o corpo e a tecnologia nasce uma nova técnica corporal. Para Marcel Mauss (1974) as ações e movimentos dos corpos são uma conjunção entre biológico e cultural, tudo é técnica, nada é natural. “Entendo por essa palavra (*técnica corporal*) as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”.

Como todas as outras, essa nova técnica corporal foi aprendida automaticamente e é difundida de geração para geração. No entanto, diferente do que Mauss dizia, não podemos dizer que essa técnica é cultural, já que independentemente da cultura ou de espaço geográfico, o manuseio do celular será sempre o mesmo. Ainda assim, é um aspecto da cultura, pois pode ser compartilhado entre diversas culturas.

Assim, temos a formação da linguagem própria do celular, em suas diferentes modalidades. McLuhan (1995) dizia que o meio, sendo tomado como uma extensão tecnológica, cria um meio ambiente que, por sua vez, funciona como um texto, uma gramática própria e alertava para o fato de que o conteúdo de um meio é sempre outro meio. O telefone celular se apropriou das linguagens tecnológicas anteriores e as tomou como conteúdo, modificando-as ou aperfeiçoando-as para adaptar a nova linguagem a sua materialidade.

Essa nova gramática desenvolvida para a comunicação móvel começa a se refletir nas criações e no desenvolvimento das telas de internet para celular. Para oferecer o máximo de informações no limite da miniaturização do celular, aposta-se em um novo formato de linguagem breve e intuitivo, que é favorecido pelo novo tipo de varredura visual não-ordenada das interfaces, um comportamento sensorial já observado em relação ao uso de outros aparelhos como monitores e *palmtops*.

A internet apresentada no celular deverá lembrar que a operação dos polegares é que conduzirá o usuário pelo imenso universo da rede, e deverá promover meios mais rápidos para a localização e entrega de informações, considerando o tamanho e o formato dos aparelhos celulares e de suas telas. Além disso, toda a construção da linguagem da internet deverá considerar que o aparelho celular, mesmo antes da constituição de qualquer sentido, afeta o corpo de uma pessoa.

O corpo, em suas relações de acoplagem com as novas tecnologias de comunicação, especialmente nesse estudo, com o aparelho de telefone celular, conquistou poderes ubíquos de conectividade perpétua. Ele desenvolve outras linguagens próprias para manuseio de cada aparato, afetando-o e sendo afetado por ele.

Constantemente exposto às novas tecnologias, tendo que se adequar a elas como se fosse quase uma imposição, o corpo sente e produz afetação nas novas tecnologias, cujas utilizações e funcionalidades vêm sendo ditadas pelas novas demandas e efemeridades do homem na pós-modernidade.

Assim encontra-se consonância entre os estudos das materialidades dos teóricos Hans Ulrich Gumbrecht, Eric Havelock, Walter Benjamin, Marshall McLuhan, quando se abandonam os territórios dominados pelo simbólico e pelo imaterial, passando para uma abordagem a cerca de que sensorialidades podem os corpos e os objetos por si mesmos e como produzem sentido apenas em suas materialidades.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max . A indústria cultural – o iluminismo como mistificação das massas. Trad. de Júlia Elisabeth. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.). *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BUCK-MORSS, Susan. *The dialectics of seeing: Walter Benjamin and the Arcades Project*. Cambridge: MIT Press, 1991.

CASTELLS, Manuel et alli. *Mobile communication and society – a global perspective*. Cambridge: The Mit Press, 2006.

COUTO, Edvaldo Souza. Estética e virtualização do corpo. *Revista Fronteiras*. Vol, I nº 1, dezembro de 1999.

FELINTO, Erick. *A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. & PEREIRA, Vinicius Andrade. A vida dos objetos: um diálogo com o pensamento da materialidade da comunicação. *Revista Contemporânea*. Vol. 3. Nº 1 : p 75 – 94, 2005; www.contemporanea.postcm.ufba.br.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. São Paulo: Vozes, 2007.

_____. *A história da sexualidade. O cuidado de si. v.3*. São Paulo: Graal, 2003.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. O campo não-hermenêutico e adeus à interpretação. *Cadernos da Pós*. Rio de Janeiro: UERJ/IL, número 5, 1995.

HARAWAY, Donna. “Manifesto Ciborgue”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Antropologia do Ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HAVELOCK, Eric A. *Preface to Plato*. Cambridge: Belknap Press, 1963.

LE BRETON, Davi. *L'adieu au corps*. Paris: Editions Métailié, 1999.

LÉVY, Pierre. *Tecnologias da inteligência*. São Paulo: 34, 1993.

_____. *O que é virtual*. São Paulo: 34, 1998.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: (____). *Sociologia e antropologia*.

São Paulo: Edusp, 1974. v. II. p. 209-234.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 1995.

PEREIRA, Vinicius Andrade. As tecnologias de comunicação como gramáticas: meio, conteúdo e mensagem na obra de Marshall McLuhan. *Revista Contracampo*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, Ed. Especial, Volume Duplo, pag 7 -19.

_____. Reflexões sobre as materialidades dos meios: *embodiment*, afetividade e sensorialidade nas dinâmicas de comunicação das novas mídias. Artigo apresentado ao NP8 – Tecnologias da Informação e da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005.

RADFAHRER, Luli. *Design/web/design:3*:<http://dxd3.blogspot.com/2006/03/todo-o-texto-da-introducao.html>, 2006.

SANTAELA, Lucia. *Corpo e comunicação – sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2006.

ZIELINSKI, Siegfried. *Arqueologia da mídia – em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir*. São Paulo: Annablumme, 2006.